

Ocupação do espaço, condições de vida e representações sociais

Eduardo A. Tomanik¹

Resumo

O texto discorre sobre a importância ecológica da planície de inundação do alto Rio Paraná e apresenta, de forma resumida, alguns dos trabalhos sobre representações sociais que vêm sendo realizados, ali, como parte de um projeto mais amplo que visa estabelecer parâmetros para o gerenciamento da área. A partir da análise conjunta destes trabalhos, expõe algumas conclusões a respeito do

Abstract

The paper talks over the ecological importance of the floodplain of the high Paraná river and presents, in a summarized form, some of the studies about social representations that are carried out there, as part of a wider project that seeks to establish parameters for the management of the area. Analysing these works jointly, it exposes some conclusions regarding the studies about the role of

¹ Universidade Estadual de Maringá

papel dos estudos sobre representações sociais nos esforços para a preservação ecológica.

social representations undertaken for the sake of ecological preservation.

Palavras-chave: ambiente, representações sociais, condições de vida, ecologia

Keywords: environment, social representations, life conditions, ecology.

As várzeas e planícies ribeirinhas de inundação são ambientes especialmente ricos, pela diversidade de componentes e pela complexidade de processos que apresentam. Historicamente, o desenvolvimento da civilização humana esteve, com frequência, ligado a estes ambientes, em função das inúmeras possibilidades de aproveitamento que oferecem.

O Rio Paraná, de acordo com Agostinho e Zalewski (1996) é o décimo maior do mundo em descarga e o quarto em área de drenagem. No Brasil, ele drena uma área de cerca de 891.000 km² e percorre aproximadamente 1800 km. Destes, apenas num trecho de cerca de 230 km, compreendido entre a foz do rio Paranapanema e a parte inicial do lago da Hidrelétrica de Itaipu, o rio corre livremente. Em todo o restante do seu curso, o rio está represado e as antigas planícies de inundação estão submersas. No trecho remanescente, a planície de inundação chega, em alguns pontos a 20 km de largura.

Os estudos conduzidos pela Universidade Estadual de Maringá revelam que esta planície apresenta elevada diversidade biológica e que este remanescente de várzea do rio Paraná têm importância fundamental na manutenção de populações viáveis de espécies já eliminadas dos trechos superiores da bacia, especialmente entre os peixes de grande porte... (AGOSTINHO e ZALEWSKI, 1996, p.3).

Segundo estes mesmos autores, já foram identificadas, na região, até o momento, mais de 360 espécies vegetais, 298 espécies de aves, cerca de 170 de peixes, 60 de mamíferos, 37 de répteis e 22 de anfíbios, além de inúmeras outras espécies de organismos vegetais e animais de menor porte. A importância ecológica da região é reconhecida. Atualmente ela está

quase toda incluída, oficialmente, na Área de Proteção Ambiental das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná e contém, ainda, o Parque Nacional da Ilha Grande e o Parque Estadual (sulmatogrossense) do Rio Ivinheima. A despeito deste reconhecimento oficial, verificam-se, ainda, em toda a sua extensão, processos intensos e acelerados de degradação ambiental.

De acordo com Rosa (1997), a região, que foi habitada, durante séculos, por populações esparsas e reduzidas, foi alvo, a partir das primeiras décadas do século XX, de seguidos processos de ocupação, que implicavam na derrubada sistemática da mata nativa e no aproveitamento das terras para lavouras ou pastagens. O aproveitamento predatório da natureza, típico deste modelo de ocupação, ameaça, ainda hoje, os remanescentes da vegetação original e a própria existência das planícies inundáveis. Em função disto, a Universidade Estadual de Maringá, através do Núcleo de Pesquisas em Limnologia, Ictiologia e Aqüicultura (NUPELIA), voltada aos aspectos biológicos, do Grupo de Estudos Multidisciplinares do Ambiente (GEMA), direcionando-se mais aos aspectos geológicos e geomorfológicos e do Grupo de Estudos Sócio-Ambientais (GESA) envolvido com os aspectos psicossociais e econômicos, vem, desde 1990 desenvolvendo, naquela região, estudos que visam dar sustentação a um plano integrado de manejo, capaz de possibilitar a manutenção ou mesmo a recuperação parcial das condições físicas e biológicas do ambiente e, simultaneamente, gerar melhorias nas condições de vida e de trabalho, especialmente dos grupos humanos menos favorecidos economicamente e mais diretamente ligados à natureza.

Como parte destes estudos, têm-se buscado descrever e compreender as representações sociais, especialmente aquelas referentes a natureza, ao trabalho e as condições de vida, elaboradas por participantes destes segmentos da população, para que estas construções culturais possam servir como subsídios para a elaboração daquele plano de manejo, já que:

estudar as representações de um grupo é (...) uma forma de desvendar a 'realidade' tal como socialmente instituída por esse grupo e assim compreender suas ações e reações. Essa compreensão, por sua vez, é indispensável para a elaboração coletiva de alternativas de ação para e com o grupo, em face da problemática vivida por ele (TOMANIK, 1997, p.418).

Neste texto pretende-se apresentar, de forma sucinta, alguns dos estudos realizados ali e que envolvem, especialmente, as representações sociais sobre aqueles temas, elaboradas e compartilhadas pelo grupo dos trabalhadores que têm na pesca artesanal sua principal fonte de renda. A partir desta apresentação, pretende-se traçar uma breve discussão sobre as perspectivas que o conjunto destes estudos abre, tanto no campo teórico, sobre a utilização do conceito e da teoria das representações sociais nos trabalhos envolvendo populações tradicionais e questões ambientais, quanto no campo prático, sobre as possibilidades de atuação apontadas pelos conhecimentos que aqueles estudos foram capazes de produzir.

O primeiro destes estudos (TOMANIK, GODOY e EHLERT, 1997), embora não aborde as representações sociais locais, fornece informações que auxiliam a tornar compreensíveis os processos de elaboração e de compartilhamento das mesmas, por parte do grupo pesquisado. Trata-se de um censo demográfico e ocupacional, realizado em 1993, no núcleo urbano do município de Porto Rico, que se constitui na maior aglomeração humana nas margens do Rio Paraná em todo aquele trecho. De acordo com o censo, a cidade de Porto Rico contava, na época, com 408 construções diversas e 1129 habitantes.

A maior parte desta população sofre com a escassez de postos de trabalho e de oportunidades de obtenção de renda. O setor rural do município, mais voltado para a pecuária extensiva, emprega um número muito pequeno de pessoas. As poucas lavouras, mecanizadas e sazonais, oferecem apenas ocupações temporárias e espaçadas entre si. A prefeitura é o maior empregador do município e, é claro, não pode absorver muitos trabalhadores. A pesca, além de cada vez mais escassa e controlada, é pouco rentável. Frente a condições como estas, os segmentos mais jovens da população tendem a buscar, fora dali, melhores condições de vida. A região, que até 20 anos atrás era pólo de atração de migrantes de todo o país, hoje expulsa seus moradores.

Os segmentos menos favorecidos da população, constituídos por pessoas com baixos níveis de educação formal e de capacitação profissional enfrentam carências ocupacionais e econômicas, mas também, e especialmente, de perspectivas.

Este primeiro estudo permitiu a constatação de que os processos de ocupação e de exploração ambientais ocorridos na região têm produzido não apenas a degradação das condições ambientais, mas, concomitante-

mente, a deterioração das condições de vida da população local, especialmente daqueles grupos que têm, no contato direto com a natureza, a base das atividades através das quais viabilizam sua subsistência.

O segundo estudo (TOMANIK, 1997) buscou mapear e compreender as representações sociais sobre o ambiente e o trabalho elaboradas pelos pescadores profissionais do núcleo urbano de Porto Rico. O trabalho tomou como base a teoria apresentada por Moscovici (1978) e discutida por autores como Sá (1993), Spink (1993) e Jovchelovitch (1994). Foram entrevistados, de forma semidiretiva, 12 pescadores. O material obtido foi analisado a partir dos conteúdos e dos posicionamentos manifestados pelos entrevistados.

Este estudo demonstrou, em primeiro lugar, que o grupo dos pescadores possui conhecimentos detalhados, complexos, organizados e coerentes sobre os processos naturais, nem sempre coincidentes com os conhecimentos “oficiais” ou científicos, mas úteis e eficazes em sua luta pela subsistência. Fazem parte destes conhecimentos, por exemplo, conjuntos de representações sociais nas quais o homem e a natureza aparecem como elementos integrados, indissociáveis e complementares.

O mesmo estudo demonstrou, ainda, a presença de inúmeros conflitos permeando as verbalizações e as práticas daquele grupo. Individualmente os pescadores demonstraram vivenciar conflitos entre as representações sociais que compartilham sobre o ambiente e seu trabalho (e que incluem práticas de preservação e cuidados com a natureza) e suas necessidades pessoais e familiares (que os induzem, muitas vezes, a contrariar aquelas convicções). Dentro do grupo ocorrem, com frequência, conflitos entre estas necessidades e interesses pessoais e imediatos, e outros processos, mais coletivos e com uma perspectiva temporal mais ampla.

O peixe pequeno não deve ser pescado, as redes de malhas estreitas não devem ser usadas, a pesca no período da desova prejudica a possibilidade de uma produção melhor no futuro ou compromete até a continuidade da própria atividade. O que fazer, entretanto, se no período proibido é que o peixe está maior, e mais disponível; se a técnica proibida é a mais eficaz e se o peixe fora da medida é o que foi pescado? (TOMANIK, 1997, p.432).

Como parte de uma coletividade mais ampla, o pescador enfrenta, também, conflitos que envolvem, por exemplo, contradições entre imposições macro-sociais legais e ideológicas:

o mercado exige dele uma produção, e a mesma sociedade que mantém o mercado proíbe que ele, pescador, atinja aquela quantidade mínima de peixes, e o pune duplamente; por não atingi-la e por tentar fazê-lo. Mais ainda, ele próprio considera que não deve agir como age (TOMANIK, 1997, p.432).

O terceiro processo de pesquisa, relatado em dois textos (PAIOLLA, 2000; PAIOLLA e TOMANIK, no prelo), voltado basicamente para o estudo das perspectivas de vida e de trabalho, foi realizado a partir de propostas teóricas e metodológicas semelhantes ao anterior e envolveu 15 filhos de pescadores ou pescadores jovens da mesma localidade. Entre outras conclusões, este estudo mostrou o grupo de pescadores como uma população tradicional, tal como definida por Diegues (1996). Isto implica em que eles possuem, fundamentalmente, um estilo de vida, disposições individuais e traços culturais próprios, que os diferenciam das populações tipicamente residentes nos meios urbanos maiores e mais industrializados. Estas características incluem, por exemplo, o apego ao contato direto com a natureza, a adoção de práticas econômicas mais voltadas para a subsistência do grupo familiar do que para o acúmulo de bens e a valorização da liberdade e da autonomia (ainda que relativas) de que dispõem em sua atividade profissional. Os filhos dos pescadores, especialmente aqueles que também já atuam na pesca, compartilham, com seus pais, estes valores, conhecimentos e aspirações.

As verbalizações e as práticas cotidianas dos filhos dos pescadores e dos pescadores jovens do local evidenciam a existência de fortes disposições individuais para a manutenção deste estilo de vida. No entanto, frente às condições atualmente existentes de vida e de trabalho, todos eles reconhecem e apontam o risco de que, num prazo relativamente curto, aquele estilo de vida e as construções culturais que lhe são próprias, venham a desaparecer.

O último trabalho do conjunto que pretendemos analisar, aqui, foi um processo de pesquisa participante (EIDT, SPONCHIADO e TOMANIK,

2000) cujo objetivo prático principal foi a constituição de uma associação ou cooperativa que congregasse os esforços e auxiliasse na superação das condições desfavoráveis de vida e de trabalho dos pescadores.

Havia uma série de condições propícias ao processo. De um lado, as situações de dificuldades pelas quais vêm passando os pescadores locais e a disposição dos mesmos em participar do empreendimento; de outro, o Grupo de Estudos Sócio-Ambientais, graças a alguns convênios, tinha condições de acompanhar e orientar desde a organização da entidade até o seu gerenciamento posterior e de obter financiamentos a fundo perdido ou com juros subsidiados para a composição da mesma. Teria sido necessário, apenas, para desencadear o processo, que o grupo de pescadores tivesse formalizado a constituição da associação. Entretanto, vários fatores contribuíram para que isto não acontecesse.

As tradições de autonomia e de individualismo, fortemente presentes na cultura dos pescadores locais, dificultaram a participação deles num processo coletivo que exigia capacidade de superação de divergências pontuais e pessoais. A falta de condições de uma atuação mais constante no processo, aliada a um conhecimento insuficiente sobre as formas menos evidentes de confrontos na política local, fizeram com que a atuação da equipe de pesquisadores fosse menos eficiente do que poderia ter sido. Nada, entretanto, pesou mais, para o fracasso do processo, do que a existência de interesses políticos e econômicos locais e regionais, contrários àquela tentativa de efetivação de uma forma coletiva e transformadora de ação.

A análise conjunta destes trabalhos, limitada, aqui, pela extensão do texto, aponta para uma série de conclusões. Entre estas, em primeiro lugar, aquela análise evidencia a existência de relações entre as condições ambientais e de vida e os processos de elaboração e de transformação das representações sociais. As alterações ambientais, mesmo aquelas dificilmente perceptíveis a espectadores externos, são quase que imediatamente incorporadas ao universo conceitual dos pescadores; recebem denominações e explicações, são submetidas a critérios valorativos e dão origem a práticas que visam aproveitá-las ou fazer frente a elas. Estas práticas, sempre que se mostram eficientes, são rapidamente disseminadas e, assim, vêm a confirmar as explicações nas quais se basearam.

A existência e a dinâmica destas transformações nas representações (e esta é uma segunda conclusão) destacam e reafirmam o valor

do conhecimento e da compreensão destas últimas como indicativo das disposições e dificuldades vivenciadas pelos grupos populares. Pretender agir, junto a grupos como estes e a favor deles, sem conhecer e compreender adequadamente as representações compartilhadas, naquele momento, por seus participantes é, no mínimo, um convite ao equívoco.

Em terceiro lugar, a análise conjunta daqueles trabalhos reforça a importância das lutas pela preservação tanto da diversidade biológica quanto das diferentes elaborações psicossociais, na linha que vem sendo defendida, entre outros, por autores como Batteson (1985), Guattari (1995) e Régis de Moraes (1993).

Finalmente, aquela análise realça o papel potencial das Representações Sociais como elementos de contestação da dominação ideológica (embora influenciadas por esta). Por mais que as forças e os interesses econômicos tenham e ainda estejam exigindo a transformação da natureza em capital e dos participantes desta população tradicional em sub-empregados ou em sub-desempregados urbanos, ainda assim eles resistem e, apoiados em suas concepções diferenciadas sobre o que sejam trabalho, homem e ambiente, oferecem a todos nós, as provas de que existem outras formas e outros objetivos de vida.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, A. A. e ZALEWSKI, M. *A planície alagável do alto Rio Paraná: importância e preservação*. Maringá: EDUEM/NUPELIA, 1996. 100p.
- BATTESON, G. *Pasos hacia una ecologia de la mente*. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1985. 142p.
- DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996. 169p.
- EIDT, N. M., SPONCHIADO, D. e TOMANIK, E. A. *Pesquisa participante visando a elaboração e a efetivação de alternativas de trabalho junto à população de Porto Rico - Paraná*. (Relatório de Pesquisa apresentado à Universidade Estadual de Maringá). Maringá, set. 2000. 65p.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1995. 56p.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, S. e GUARESCHI, P. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 63-88

MOSCOVICI, S. *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, s/d. 291p.

PAIOLLA, L. M. *Ambiente e representações sociais: expectativas de vida dos filhos de pescadores e pescadores jovens do núcleo urbano de Porto Rico - Paraná*. 2000. 82 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

PAIOLLA, L. M. e TOMANIK, E. A. Populações tradicionais, representações sociais e preservação ambiental: um estudo sobre as perspectivas de continuidade da pesca artesanal numa região ribeirinha do rio Paraná. *Acta Scientiarum*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá (no prelo).

RÉGIS DE MORAIS, J. F. *Ecologia da mente*. Campinas: Psy, 1993. 124p.

ROSA, M. C. Processo de ocupação e situação atual. In: VAZZOLER, A. E. A. de M.; AGOSTINHO, A. A. e HAHN, N. S. *A planície de inundação do alto rio Paraná*. Maringá: EDUEM/NUPELIA. 1997, p.371-394.

SÁ, C. P. de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano – as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.7-18.

SPINK, M. J. O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano – as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.85-108.

TOMANIK, E. A. Elementos sobre as representações sociais dos pescadores “profissionais” de Porto Rico. In: VAZZOLER, A. E. A.

M.; AGOSTINHO, A. A. e HAHN, N. S. *A planície de inundação do alto rio Paraná*. Maringá: EDUEM/NUPELIA, 1997, p.415-434.

TOMANIK, E. A.; GODOY, A. M. G. e EHLERT, L. G. A vida na região: dados socioeconômicos do núcleo urbano de Porto Rico. In: VAZZOLER, A. E. A. de M.; AGOSTINHO, A. A. e HAHN, N. S. *A planície de inundação do alto rio Paraná*. Maringá: EDUEM/NUPELIA. 1997, p.395-414.